

# Filosofia com crianças: limites e possibilidades

Márcia Pereira da Silva [\(1\)](#)

Petterson William de Sousa [\(2\)](#)

**RESUMO** : Este texto procura enfrentar o problema de que se proponha a filosofia na escola como experiência do pensar – que deve ser livre e não coagida – quando ela vai até a escola sem o necessário consentimento de todos os envolvidos no processo (os alunos, por exemplo). Este problema traz à discussão o ponto onde a institucionalização da prática filosófica traz problemas para a compreensão de como uma experiência do pensar, tal como a definida no Projeto Filosofia na Escola, pode estar presente em uma instituição que muitas vezes tem objetivos destoantes aos do Projeto, como é a escola.

---

“Quem busca, sempre encontra, não encontra necessariamente aquilo que buscava, menos ainda aquilo que é preciso encontrar. Mas encontra alguma coisa nova, a relacionar à coisa que já se conhece.”

(Rancière, 2002)

Parece haver consenso quanto à necessidade de que haja comprometimento e motivação por parte dos envolvidos – professores e alunos – para garantir o sucesso de uma ação pedagógica. Entretanto, quando há uma interface entre o fazer pedagógico e a prática filosófica, como ocorre no Projeto Filosofia na Escola, essa afirmativa não é mais tão contundente.

Este é um projeto de extensão permanente da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que tem como objetivo principal criar espaços que possibilitem experiências com o pensamento filosófico com crianças e adolescentes, na Educação Infantil e Básica em escolas públicas do Distrito Federal.

A questão que nos colocamos é a seguinte: O projeto Filosofia na Escola pretende criar espaços propícios a experiências do pensar, mas se os envolvidos – professores, mediadores e crianças – participam do processo sem interesse real, isso não comprometeria o desenvolvido das atividades e da própria experiência do pensamento? Como enfrentar as diferentes formas de envolvimento sem que haja coação, se as pessoas se relacionam com os acontecimentos de maneiras diferentes?

Algumas questões contribuem para aumentar a problemática, como por exemplo, a da relação entre Projeto Filosofia na Escola e a instituição escolar e os mecanismos adotados para inserção no mesmo. Alguns dos pressupostos, contudo, abrem possibilidades para sua concretização, como a valorização do *pensar junto* e da participação de todos os envolvidos no processo.

As reflexões apresentadas neste trabalho considerarão um contexto específico, com espaço e tempo definidos: a Escola Normal de Ceilândia – escola pública na periferia do Distrito Federal – no ano de 2004.

Ainda que esta análise faça um recorte da realidade, acreditamos que ela possa fazer pensar a ação do Projeto Filosofia na Escola e a prática de filosofia com crianças de uma maneira geral, seus limites e possibilidades, o movimento do pensamento que esta experiência pode proporcionar...

## **Limites à prática de Filosofia com crianças**

Ao fazer filosofia com crianças, um dos principais limites é colocado pela institucionalização da prática filosófica. A escola apresenta objetivos paradoxais àqueles defendidos pela filosofia no projeto. Enquanto uma é utilitarista, procurando minimizar polêmicas e obter resultados precisamente mensuráveis, a outra é investigativa, defendendo a importância de se evidenciar e discutir as ambigüidades para uma melhor compreensão ou problematização do mundo e do ser humano.

Apesar das contribuições de Dewey (1959) defenderem que a instituição escolar seria um meio organizado intencionalmente para habilitar seus membros a uma participação efetiva na vida social e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, a escola é, de fato, uma instituição de controle social e de formação de subjetividades (Kohan, 1998, p.85). Como tal, ela produz e reproduz valores afirmados socialmente, valendo-se para isso da sua própria complexidade: em suas dimensões explícita e oculta (desde os conteúdos curriculares até as normas de comportamento e avaliação competitiva).

Assim, a relação entre instituição escolar e filosofia é bastante tensa. A escola não considera a subjetividade dos sujeitos, enquanto a filosofia cria expectativas a partir desta dimensão. A primeira não comporta a irreverência da segunda. A segunda não suporta os meios utilizados pela primeira para alcançar seus intentos.

Na escola, a própria organização do espaço e do tempo, assim como as relações de poder que se estabelecem nesse contexto acabam se configurando em limites impostos à prática filosófica. Entretanto, esse cenário também pode se constituir num espaço de possibilidades e é justamente nesta instituição, cujo estado de crise é crescente, que vem se inserindo a filosofia com crianças desde sua concepção, pois o Programa Filosofia para Crianças (FpC) de Lipman foi dirigido, desde o princípio, à instituição escolar.

Da mesma forma, o Projeto Filosofia na Escola – criado como alternativa experimental às novelas filosóficas de Lipman para a realidade brasileira – continua (conforme o próprio nome sugere) a se destinar ao contexto escolar. O projeto procura buscar inovação no campo da Filosofia para Crianças, não visando a implementação de um programa já pronto, mas a pesquisa de métodos próprios de registro e realização da experiência filosófica. Contudo, a estreita relação com a instituição escolar foi mantida.

Quando se pretende problematizar o Projeto Filosofia na Escola, é interessante questionar as razões *a priori* para a escolha da instituição escolar como espaço privilegiado para sua realização. Se o interesse fosse apenas reunir crianças para a prática filosófica, existem inúmeros espaços outros – talvez mais interessantes para a própria criança – que poderiam se configurar em ambientes de reflexão e experiência do pensar. No entanto, a escola parece despertar o interesse dos envolvidos com filosofia com crianças por um motivo especial. A esse respeito Leal define com particularidade:

“... a sala de aula é o ponto de partida e também de chegada da prática filosófica, pois é o local de possíveis realizações, do confronto entre a antecipação e o conhecimento, do desafio maior da concretização de nossas intenções educativas” (Leal, 2000, p.88).

A opção pela escola como espaço de promoção de experiências do pensamento parece dever-se, justamente, ao seu caráter multifacetado, polêmico e de construção de subjetividades.

Neste trabalho vamos tomar a inserção deste projeto nas escolas públicas do Distrito Federal como um fato. Sabemos que, na verdade, seria necessário problematizar a necessidade de haver escolas, sua finalidade neste início de milênio e, ainda, investigar mais profundamente a relação do Projeto com esse espaço institucional. No entanto, não são essas problemáticas que serão discutidas neste texto. Importa-nos, a partir das condições impostas pelo contexto escolar, questionar como será possível levar a filosofia com crianças a diante, ainda que a dinâmica da escola desconsidere as particularidades dos sujeitos envolvidos, aspecto que parece significar muito para esta proposta filosófico-pedagógica.

Outro aspecto que pode, de acordo com o contexto, representar um limite à prática filosófica com crianças é a própria maneira como se tem conjeturado a inserção dos participantes no Projeto Filosofia na Escola, na medida que pode estar comprometendo a formação de subjetividades e desconsiderando o interesse pela filosofia com crianças – requisito básico para o engajamento efetivo no projeto.

A preparação dos professores e mediadores para a participação nas atividades desta proposta filosófica se baseia, fundamentalmente, na criação de comunidades de investigação e questionamento entre eles, a que se dá o nome – por falta de outro mais adequado – de curso de formação. Acredita-se na hipótese de que esta prática funcionará como “modelo” para o docente ou mediador levar a cabo em sua classe (Waksman, 1999). Parece se tratar de uma tentativa de responder indiretamente a duas questões centrais: *o que é e como fazer* filosofia com crianças. Nestes encontros iniciais problematizam-se os pressupostos filosóficos, pedagógicos e políticos que fundamentam o projeto, além de colocar em xeque as pré-concepções de infância, educação e filosofia que cada um traz consigo.

Nesses cursos de formação, não há tempo para que os envolvidos realmente se apropriem dos pressupostos do Projeto para, em seguida, iniciarem a prática com as crianças. Isso é intencional. Defende-se a idéia de que a dicotomia teoria X

prática não é interessante. Além disso, o Projeto não está pronto e acabado como um programa ou um manual; ele é construído a cada momento, por cada pessoa que participa dele. Nesta perspectiva, até mesmo o novo integrante que está fazendo o “curso de formação” é ator e autor no processo de produção do projeto.

Esta dinâmica permite que, de fato, o projeto se configure como experimental. A este respeito Kohan (2000, p. 23) afirma que no projeto se configura um movimento duplo, em que a prática transforma a teoria e a teoria transforma a prática. Defendemos também esta idéia. Entretanto, o que nos inquieta é saber que muitas pessoas irão passar pelo “curso de formação” completamente alheias a esta nova proposta de educação e de filosofia e poderão comprometer o bom andamento das atividades na instituição em que atuarão. O que é possível fazer para que isso não ocorra? Será realmente necessário fazer algo? Essas contradições não fazem parte do próprio movimento do projeto?

## Possibilidades da prática de Filosofia com crianças

Apesar de todos esses limites impostos à prática de filosofia com crianças e à inserção efetiva dos envolvidos, em especial dos professores, o próprio Projeto Filosofia na Escola cria meios que permitem superar os limites impostos pela institucionalização e pela burocratização dos cursos de formação, e vislumbra possibilidades reais para a realização de sua proposta: a experiência do pensar com outro.

No Projeto Filosofia na Escola se promove experiências coletivas de pensamento filosófico, pois se acredita que seja possível compartilhar o filosofar. Ainda que as tais experiências de pensamento sejam individuais e intransferíveis, ela se constitui na comunidade dos diferentes. Professores e alunos abrem seu pensar a tentativas, ensaia-se, deixa-se pensar com os outros, pensar juntos. Para que cada um encontre o seu próprio pensar é preciso que o perceba como tal, é preciso que seja capaz de discerni-lo dentre tantos outros existentes; para tanto, depende do outro, do não-eu para reconhecer-se a si mesmo. Além disso, a experiência com o outro permite que os envolvidos se constituam, ou seja, além de possibilitar que cada um se conheça, permite ainda que cada um seja algo diferente do que vinha sendo. Kohan (2000) defende, inclusive, que os praticantes da filosofia podem ser considerados amigos porque compartilham de algo importante, íntimo daquele grupo, na medida que vivenciam surpresas, descobertas, indagações e incertezas que podem ser percebidos apenas pelos envolvidos.

A importância despendida à coletividade pode ser percebida pela preocupação de que as oficinas filosóficas sejam realizadas aos pares, para que professores-regentes e mediadores possam trocar experiências, analisar os resultados alcançados, discutir anseios e esclarecer dúvidas. Além deste trabalho em parceria na sala de aula, defende-se que haja um diálogo entre as diferentes unidades escolares em que o projeto está presente, incentivando o estudo em grupo, a avaliação e o planejamento coletivo das atividades realizadas. Entende-se que a percepção do outro pode contribuir para que cada um perceba pontos do exercício do pensar que talvez não perceberia numa prática filosófico-pedagógica solitária.

O fato é que este projeto se constitui de sujeitos – sejam eles professores, estudantes universitários ou da Educação Infantil e Básica. Assim, ao compreender a experiência do pensar como um acontecimento, cada um se relaciona com ela e com as atividades filosóficas de modo distinto. Ora, o projeto pressupõe que as oficinas sejam espaços de experiência coletiva, assim, não é possível dizer que uns tiveram experiências “melhores ou piores” que outros. O que se pode afirmar é que são únicas.

Waksman (1999, p. 456), além de discutir sobre a singularidade da experiência na proposta de Filosofia para Crianças (FpC), afirma que há diferentes níveis de participação e envolvimento. Segundo a autora, o programa FpC reserva um papel especial ao professor-facilitador, caberia a ele suscitar em seus alunos um entusiasmo que ele já possui, de outro modo, a proposta fracassaria. Assim, é preciso que o docente seja comprometido o bastante com sua atividade, para ser capaz de estimular as crianças à prática filosófica. A esse respeito Jacques Rancière afirma enfaticamente: “O homem – e a criança em particular – pode ter necessidade de um mestre quando sua vontade não é suficientemente forte para colocá-la e mantê-la em seu caminho” (Rancière, 2002, p. 31).

No Projeto Filosofia na Escola, o professor se caracteriza como co-participante e co-responsável pela comunidade de investigação filosófica e por todo o processo que envolve sua realização, juntamente com as crianças e os mediadores. Apesar desta proposta de filosofia com crianças não reservar ao professor uma função tão decisiva, enquanto a comunidade não estiver suficientemente madura, caberá a ele levar a discussão a diante, coordenando de maneira razoável as participações, perguntando, fazendo objeções.

Alguns acreditam inclusive que caberia ao professor incentivar o interesse do estudante pelas questões filosóficas, instigar sua curiosidade, estimulá-lo a desenvolver cada vez mais suas habilidades como: estabelecer relações, abstrair, refletir e argumentar suas idéias; enfim, o papel do docente seria favorecer o desenvolvimento de “competências filosóficas”.

Apesar do projeto privilegiar a coletividade, e destinar um importante papel para o docente, a relação que as pessoas estabelecem com os acontecimentos é diferente para cada uma, o que é natural quando se trata de relações interpessoais. Entretanto a questão é esta: se projeto tem a coletividade como um pressuposto, será que não-envolvimento efetivo dos participantes acaba por comprometer as possibilidades de experiência com o pensamento filosófico – o próprio sentido do projeto?

## ***Uma experiência, uma contribuição***

A experiência do projeto na Escola Normal de Ceilândia (ENC) parece nos confirmar a suspeita de que é necessária uma motivação por parte dos coordenadores, professores e mediadores para que a filosofia com crianças chegue às salas de aula com êxito.

O Projeto Filosofia na Escola vem acontecendo naquela instituição há alguns anos, no entanto o afastamento de professores comprometidos com esta proposta filosófica e a incerteza quanto ao futuro da escola frente ao encerramento das atividades do curso magistério em nível médio no Distrito Federal resultaram num quadro de atividades crítico no ano de 2004.

O projeto se estruturou envolvendo todos os níveis de ensino que a escola vinha atendendo. Participavam diretamente cinco turmas de Ensino Fundamental e uma de Educação Infantil, além de alunos do Ensino Médio interessados na proposta. As atividades eram realizadas da seguinte forma: os alunos do magistério participaram do curso de extensão do Projeto Filosofia na Escola e atuaram como mediadores, em pares ou trios, desenvolvendo oficinas semanais nas turmas do ensino fundamental e da educação infantil em que os professores abriram espaço na sua rotina escolar para a prática filosófica.

Perceba que a participação dos professores nas atividades do projeto era indireta. Eles apenas permitiam que as oficinas filosóficas acontecessem em suas turmas, alguns as assistiam e outros preferiam se ausentar. Não havia qualquer comprometimento com o que estava ocorrendo. No momento destinado ao projeto, a sala de aula assumia uma estrutura extremamente anormal: mediadores e crianças se propunham a filosofar sem que o professor se fizesse presente neste cenário.

O fato é que nos deparamos na ENC com uma configuração peculiar no Projeto Filosofia na Escola: a participação indireta dos professores. Diante da questão tínhamos apenas duas opções: aceitá-la e levar o projeto a diante ou negá-la, comprometendo a continuidade das oficinas filosóficas na escola. Optamos pela primeira alternativa.

No entanto, essa escolha trouxe conseqüências também atípicas: a relação entre os coordenadores do Projeto e a direção da escola tornou-se debilitada, pois não havia nenhum professor da instituição que viabilizasse essa comunicação; os estudantes universitários sofriam com a falta de diálogo e inúmeras vezes não poderiam realizar as atividades do projeto devido à mudança no calendário da escola; a participação dos alunos do ensino médio tornou-se cada vez mais esporádica, pois alegavam insegurança para realizar as oficinas sem a colaboração dos regentes; os professores, por sua vez, recusavam-se a dialogar sobre as atividades do projeto e as crianças, de maneira geral, permaneciam alheias a todos esses dilemas e demonstravam entusiasmo a cada nova oficina filosófica.

Este panorama multifacetado nos inquietou sobremaneira. As pessoas, apesar de estarem de alguma forma integradas ao projeto, se relacionam com o mesmo de maneira tão distinta... O não-comprometimento de alguns acabava por influenciar negativamente o desempenho dos outros ou por comprometer o desenvolvimento das atividades de maneira geral.

## **Considerações finais**

Como vimos, apesar do Projeto Filosofia na Escola considerar que a formação docente é parte importante do processo, ainda há professores que sequer acompanham as oficinas realizadas em suas salas de aula. É bem verdade que nem sempre foi assim. Para se integrar às atividades do projeto era preciso, antes de tudo, que o professor se mostrasse interessado pela proposta participando do “curso de formação”. Além disso, a participação indireta dos docentes é uma situação atípica à dinâmica do projeto. Entretanto, o fato é que a não-participação efetiva dos docentes acabou por gerar efeitos inesperados.

A ausência de participação dos docentes da ENC nas oficinas filosóficas impossibilitou, em primeiro lugar, uma troca de experiências importante entre mediadores e professores. A diferença fundamental entre eles refere-se ao estágio de formação: enquanto uns estão em processo de formação profissional inicial, outros estão em processo de formação continuada. O diálogo entre os dois grupos é muito interessante, na medida em que os professores podem colocar as questões típicas do contexto escolar e os mediadores (estudantes universitários ou do ensino médio), por sua vez, levam saberes filosófico-pedagógicos que não estão necessariamente ligados à escola. As vivências e inquietações de cada um passam a ser problemáticas da dupla ou do trio que trabalha na mesma turma, enriquecendo, assim, as experiências e as possibilidades que a prática filosófica pode proporcionar.

Além disso, a ausência do professor em sala implica na artificialidade do “momento de filosofia”, a intervenção da prática filosófica acaba sendo pontual e desarticulada da dinâmica da escola.

É importante que a prática investigativa faça parte do projeto-político-pedagógico e que integre o maior número de participantes possível. Sabemos que alcançar esse patamar de envolvimento entre filosofia e escola é muito difícil, visto que seus interesses são antagônicos, mas o comprometimento dos docentes é um passo fundamental para que se minimize o distanciamento entre ambas.

A ruptura que as oficinas filosóficas acarretavam à rotina escolar chegava a fazer com que as crianças acreditassem que se tratava de um momento de lazer e recreação, que não exigia disciplina, respeito e reflexão.

Contudo, parece não haver uma preocupação real com o interesse dos envolvidos em participar das atividades propostas no Projeto. A motivação é um aspecto que não tem recebido a atenção devida nas discussões, pois se acredita que este seja um tema típico da Psicologia e que um projeto de filosofia não deveria se debruçar a investigar tal temática.

Entretanto, o projeto, conforme já foi assinalado, realiza-se na escola e também abarca pressupostos educativos. Além de filosófica, esta é também uma prática pedagógica. Portanto, ainda que a motivação pessoal dos participantes não seja “problema filosófico”, pode se converter num problema pedagógico a partir do momento que comprometer seus objetivos primeiros.

Apenas a oferta de um curso de formação para professores em exercício e em formação inicial se mostrou incapaz de garantir a fundamentação básica para a inserção efetiva e comprometida no Projeto Filosofia na Escola. É preciso pensar numa nova metodologia que considere aspectos relevantes até então ignorados, como a motivação e interesses pessoais dos envolvidos.

Quando propomos novas maneiras de articular os diversos interesses presentes nessa dinâmica, não estamos lançamos apenas palavras, pois se trata de um projeto experimental, que não está consolidado na teoria nem tampouco na prática; e mais importante que isso, esse projeto é – ou pelo menos deve ser – uma construção de todos os envolvidos. Assim, cabe a cada um de nós contribuir para que as mudanças que defendemos se concretizem.

## Referências

DEWEY, John. **Vida e educação**. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

KOHAN, Walter. Sugestões para implementar a filosofia com crianças em escolas. In: KOHAN, W. & WAKSMAN, V. (orgs.). **Filosofia para crianças na prática escolar**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. – (Série filosofia com crianças; v.2)

\_\_\_\_\_. Fundamentos à prática da filosofia na escola pública. In: W. Kohan; B. Leal & A. Ribeiro (orgs.). **Filosofia na escola pública**. Vol. V, Petrópolis: Vozes, 2000. p. 21-73.

LEAL, Bernardina. Filosofia com crianças: uma incursão. In: KOHAN, W.; LEAL, B. & RIBEIRO, A. (orgs.). **Filosofia na escola pública**. Vol. V, Petrópolis: Vozes, 2000. p. 88-116.

LIPMAN, Matthew & SHARP, Ann Margaret. **A filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luiza Fernandes Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

WAKSMAN, Vera. Quem é o professor de filosofia? In: KOHAN, W. & LEAL, B. **Filosofia para crianças em debate**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. – (Série filosofia e crianças; v.4)

---

(1) Estudante do Curso de Pedagogia da UnB, mediadora do Projeto Filosofia na Escola até o ano de 2004. E-mail: [mylaidy@bol.com.br](mailto:mylaidy@bol.com.br)

(2) Participante voluntário do Projeto Filosofia na Escola, egresso da Escola Normal de Ceilândia.



